

## CAPÍTULO 23

### A NEGAÇÃO DO VALOR DO TRABALHO NA CRÔNICA “O PADEIRO” DE RUBEM BRAGA

**Ednaldo Saran**

Mestrando do PPGLETRAS – Programa de Pós-Graduação em Letras da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Sinop – MT, Brasil

**Lariza Aparecida Pimentel**

Mestranda do PPGLETRAS – Programa de Pós-Graduação em Letras da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Sinop – MT, Brasil

**Luciane Ferreira**

Mestre em LETRAS – Universidade do Estado de Mato Grosso. Sinop – MT, Brasil.

---

#### RESUMO

O trabalho é indispensável para a vida humana, contribuindo para a construção da identidade e das relações sociais. Nesse contexto, a relevância dessa temática está no estudo crítico da obra que apresenta assuntos reais, atuais e essenciais para a compreensão de fatos da contemporaneidade. Objetiva-se, neste trabalho, discutir questões concernentes aos estudos do impacto social da negação do valor do trabalho como parte da identidade do indivíduo, a crônica “O padeiro” que compõe o livro “Ai de ti, Copacabana” (2010) de Rubem Braga. A pesquisa se caracteriza, essencialmente, como bibliográfica. Para o desenvolvimento deste estudo bibliográfico e analítico, buscou-se aporte teórico em Braga (2010), Moisés Massaud (2012), Jorge de Sá (1992), Eduardo Portella (1958), Antônio Cândido (2004). A literatura possibilita aos seus leitores entender o emaranhado de conflitos identitários que os cercam, tendo em vista que tem origem histórico-sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Profissões, Identidade, Crítica Social.

#### INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, os meios tecnológicos, marcados pela era digital, favorecem o surgimento de novas profissões, valorizando o conhecimento científico na formação do profissional. As profissões mais antigas e simples tendem a desaparecer com o decorrer do tempo. Tais profissões, como padeiro, lixeiro, empregada doméstica etc., não exigem tanto conhecimento técnico-científico, sendo desvalorizadas socialmente. Além disso, seus integrantes perdem a identidade pessoal assimilada à sua profissão.

A crônica é um gênero literário que se relaciona com o jornalismo e a literatura. A sua difusão se deu com o crescimento da imprensa nos séculos XIX e XX, que se espalhou por diversos veículos, inicialmente por meio do jornal impresso, passando pelo rádio e demais veículos de comunicação que foram surgindo ao longo dos anos até a atualidade como a Internet e a edição em livros impressos e digitais. Portella (1958):

A constância com que vêm aparecendo, ultimamente, os chamados livros de crônicas, que transcendem a sua condição puramente jornalística para se constituir em obra de arte literária, veio contribuir, em forma decisiva, para fazer a crônica um gênero literário específico, autônomo (PORTELLA, 1958. p. 111).

Rubem Braga é reconhecido como um dos nomes mais importantes no gênero Crônica, sendo considerado uma referência tanto no âmbito jornalístico quanto literário. Suas narrativas breves, com uma abordagem crítica sociopolítica, abordam eventos do dia a dia, permitindo uma reflexão entre o verídico e o verdadeiro.

Rubem Braga tinha uma relação afetiva com o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. Suas crônicas frequentemente exploravam a vida cotidiana, as paisagens e as pessoas desse icônico bairro carioca. Ele retratava com sensibilidade e poesia os detalhes da vida na praia, os personagens que cruzavam seu caminho e as peculiaridades do lugar. Através de sua escrita, Braga imortalizou Copacabana e deixou um legado literário que continua a encantar leitores até hoje.

A crônica *O Padeiro*, objeto deste estudo, foi extraída da coletânea "*Ai de Ti, Copacabana*", que reúne narrativas escritas entre 1955 e 1960. Esta coleção está organizada de acordo com a ordem cronológica das publicações selecionadas pelo autor. O texto apresenta a realidade de um trabalhador presente no cotidiano da sociedade, desempenhando um papel fundamental para o funcionamento social. Ao trabalhar à noite, cumprem as tarefas inerentes ao ofício, com o objetivo de entregar o "pão" resultante desta atividade. Quando a população recebe o pão nas primeiras horas do dia, não reconhecem o valor deste profissional e nem mesmo o padeiro tem consciência do valor de sua profissão, devido a essa situação de invisibilidade, seus integrantes perdem a identidade pessoal assimilada à sua profissão.

A narrativa foi escrita durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956–1961) a partir da greve dos proprietários de padarias, também conhecida como greve do pão duro, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1956. Dessa forma, por meio da crônica o autor apresenta o valor social do trabalho que não se limita à sociedade, mas também ao relacionamento interpessoal, seja quando não somos "ninguém", seja quando apenas pensamos que somos alguém, críticas ao sistema de valorização do trabalho enquanto produção e ao preconceito que ainda persiste em relação a

diversas profissões, sendo consideradas inferiores, desvalorizadas e ignoradas.

Dessa forma, neste artigo, o objetivo é examinar os elementos literários relacionados aos acontecimentos políticos e sociais da época presentes na crônica O Padeiro, de Rubens Alves. Ao examinar o percurso do texto, será possível identificar os conflitos identitários dos trabalhadores de padaria que, teoricamente, representam toda a classe operária do Brasil. Sob essa perspectiva, a base teórica necessária para essa análise será: Braga (2010), Moisés Massaud (1989), Jorge De Sá (1992), Eduardo Portella (1958) e Antônio Candido (1992) Candido (2004).

## **A CRÔNICA E A FUNÇÃO CRÍTICA SOCIAL**

A palavra crônica é composta pelo latim *Chronica* e pelo grego *Khrónos* (tempo), cujo significado principal é o conceito de tempo. Ferreira (2010):

1. Narração histórica, por ordem cronológica. 2. Pequeno conto, de enredo indeterminado. 3. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal. 4. Seção de revista ou de jornal. 5. Conjunto de notícias sobre alguém ou algum assunto. (FERREIRA, 2010. p. 210)

A crônica está presente desde o início da modernidade, mas tornou-se um gênero literário popular a partir do século XIX, quando os cronistas começaram a escrever em colunas de jornais. Como gênero literário, desempenha um papel crucial na reflexão e representação da sociedade, geralmente produzido para meios de comunicação, sendo dividida em dois tipos distintos: a crônica narrativa e a crônica argumentativa.

A crônica narrativa é um relato breve sobre temas cotidianos que envolvem personagens, tempo, espaço, narrador e enredo. A crônica argumentativa trata de temas relevantes para a sociedade e usa a argumentação como base para sua elaboração, apresentando elementos narrativos e descritivos. Em contraste com a crônica narrativa, usa elementos narrativos para construir os argumentos apresentados. Moisés (2012):

A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da imaginação. No primeiro caso, a crônica envelhece com rapidez e permanece aquém do território literário: na verdade, o envelhecimento precoce ou tardio de uma crônica decorre dos débitos para com o jornalismo no sentido estrito. (MOISÉS, 2012, p. 622)

A crônica está situada entre o jornalismo e a literatura, tendo surgido na cidade e apresenta acontecimentos do cotidiano de maneira crônica, sempre com um enfoque crítico. A crônica difere do jornal por não buscar a

precisão da informação. Ao contrário da notícia, que descreve os eventos, a crônica os analisa, dando-lhes um tom emocional, apresentando ao leitor uma situação comum, vista sob uma perspectiva singular. A função do cronista seria compreender mais profundamente o fato corriqueiro, a essência mesmo ao recriar a situação.

Moisés (2012) comenta que:

O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. Aliás, como procede todo autor de ficção, com a diferença de que o cronista reage de imediato ao acontecimento, sem deixar que o tempo lhe filtre as impurezas ou lhe confira as dimensões de mito, horizonte ambicionado por todo ficcionista de lei. De onde as características da crônica, como também suas grandezas e misérias, resultaram dessa inalienável ambiguidade radical. (MOISÉS, 2012, p. 105).

O crescimento do gênero no Brasil foi impulsionado por autores reconhecidos, como Machado de Assis, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Artur da Távola, Nelson Rodrigues, Paulo Mendes Campos, Clarice Lispector e os mais recentes, Fernando Sabino e Luís Fernando Veríssimo são considerados grandes cronistas da contemporaneidade.

A função crítica social da crônica é proporcionar momentos de lazer, entretenimento e reflexão, através de relatos sociais que informam os leitores de forma cômica e provocam reflexões sobre o tema em questão, o que acrescenta valor à experiência de leitura. A crônica contemporânea é amplamente reconhecida pela sua variedade de abordagens e pelo seu impacto significativo na literatura atual, apresenta uma perspectiva única sobre diversos tópicos, o que torna a experiência de leitura relevante e com uma função crítica-sociológica relevante.

Rubem Braga enfatiza as questões sociais do trabalho sob a perspectiva do padeiro, um trabalhador de grande relevância social, que, durante o *Lock-out* dos patrões, deixa de exercer sua função, o que tem um impacto na rotina da população. A reflexão remete à sua juventude, quando exercia a função de jornalista, que tem a mesma estrutura de trabalho do padeiro, com produção noturna e entrega nas primeiras horas do dia, de porta em porta.

A crítica do autor na crônica é fundamentada na negação do valor do trabalho como parte da identidade do indivíduo, que parte do próprio personagem, que não reconhece o valor da sua profissão no contexto social.

Atualmente, a crônica se destaca pela sua variedade de abordagens e pelo seu impacto significativo na literatura. Apresenta uma perspectiva única sobre diversos tópicos, o que torna a leitura mais agradável e enriquecedora, despertando o interesse do leitor em refletir sobre diferentes visões.

## **O PÃO NOSSO DE CADA DIA. AMANHECIDO!**

A crônica O Padeiro de Rubem Braga, instiga-nos a refletir aspectos sociais que contribuem para a formação social e profissional. De acordo com Antônio Cândido (2011), a literatura tem a função de humanizar, por meio de textos literários (poesia, poemas, contos e crônicas) e desenvolver nossos sentimentos e nossa perspectiva do mundo e a lidar com diferentes situações existências do ser humano.

No processo de industrialização em que o processo de produção era feito em larga escala, surgiram os estabelecimentos de venda denominados Padaria e a profissão do Padeiro. A figura do Padeiro está relacionada tanto à produção de pão na fábrica quanto à entrega dos pães nas residências e estabelecimentos sociais nas primeiras horas do dia.

A Crônica apresenta o elemento pão por todo o texto, sendo indispensável para a análise e compreensão. “Levanto cedo, faço minhas abluções, ponha a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento - mas não encontro o pão costumeiro” (Braga, 2010). A primeira refeição do dia da maioria dos trabalhadores brasileiros é o pão, indispensável para a manutenção do organismo durante as primeiras horas do dia, fornecendo energia para o desempenho das atividades diárias. A figura do Padeiro está presente no imaginário coletivo desde séculos e tem um impacto direto na rotina da população.

O pão apresenta o simbolismo religioso e social, representando a comunhão e a socialização entre os indivíduos. O pão, no âmbito religioso, representa o Corpo de Cristo, a união entre Deus e o Homem, no âmbito social o pão é um dos alimentos mais antigos da sociedade, mobilizando um excesso de indivíduos na sua produção, feito manualmente, era um momento de aproximação entre as famílias. Tudo o que fazemos em sociedade é denominado socialização, desde a aquisição de um pão na padaria até o momento em que nos relacionamos com outras pessoas. Dessa forma, aprendemos a pensar, agir e sentir-nos pertencentes ao grupo social em que vivemos.

No texto, o pão costumeiro, indispensável para o desjejum na maioria das mesas da população brasileira, veio a faltar, nas primeiras horas do dia, despertando o narrador- personagem para uma situação social, mencionada no dia anterior pelo jornal, mas ainda não havia atingido a sua realidade, havia passado despercebido, a “greve do pão dormido”. O papel do cronista seria então alcançar, uma dimensão mais profunda do fato corriqueiro, a essência mesmo ao se recriar a situação, Conforme (Sá, 1992. p. 9) “Assim, quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem”.

O fato em questão e a ausência do pão, o narrador, tendo em si, a consciência, efeito da falta do pão, volta sua atenção para o movimento grevista que estava em curso. A greve em si, não era organizada e iniciada pelos trabalhadores das fabricas ou pelos padeiros que desempenhava a

função de entregadores do alimento a população em geral, como aborda o autor, não era em si uma greve, mas um “*lock-out*”, greve dos patrões.

### “*Lock-out*” não haverá pão fresco.

Levanto-me cedo, (...), mas não encontro o pão costumeiro. (...) De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o quê do governo. (BRAGA, 2010, p. 19)

A paralisação promovida pelos patrões para despertar a atenção do presidente Juscelino Kubitschek (1956–1961) e alcançar seus objetivos econômicos, nos leva a refletir sobre o trabalhador-padeiro. O padeiro é uma figura que pertence à classe trabalhadora explorada pela elite empresarial da época, dono das padarias, acreditavam que deixando faltar o pão no lares, seria uma forma de chamar a atenção do governo, que poderia atender às suas reivindicações e necessidades, o padeiro como funcionário era deixando à margem social, por uma sociedade que não valoriza as profissões em si, mas sim aquelas que justificam a classe média empresarial.

Em 1956, o trabalho noturno era uma realidade social, devido à industrialização, que justificava o progresso e o crescimento econômico. As fábricas de pães e de jornais, entre outras, operavam durante a noite, movidas pelas necessidades de produção, alimentação e informações, que deveriam estar “fresquinhas e quentinhas” no amanhecer.

O narrador-personagem nesse primeiro momento do texto, tendo ciência dos acontecimentos sociais do dia, após não ter em sua mesa o pão fresquinho, é instigado a reflexão desses acontecimentos, para aprofundar o tema e apresentar de uma forma poética, por meio da memória, lembra fato semelhante de quando era jovem e trabalhava em uma oficina jornalística. “Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente” (BRAGA, 2010, p. 19). Entra em cena o personagem o padeiro.

### NÃO É NINGUÉM, É O PADEIRO

Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento, ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando: - Não é ninguém, é o padeiro! Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo? "Então você não é ninguém?" (BRAGA, 2010, p. 19)

O dicionário Michaelis define "padeiro" como sendo "1 Fabricante ou vendedor de pão". 2 "Entregador de pão em domicílio", essa ideia remete às

práticas do padeiro no contexto em que a crônica foi escrita em 1956, atualmente os padeiros estão presentes nas padarias e no *gourmet*, onde desenvolve seu trabalho, a atividade de entregar o pão de casa em casa, são restritos a pequenas cidades do interior.

O narrador apresenta características marcantes de um padeiro, como a sua forma de agir no exercício da profissão, de modo a não despertar atenção. Além disso, é perceptível que o barulho estava presente através da campainha, que emite um som forte para alertar os moradores sobre a presença de alguém. Para justificar a sua ausência/presença, que já havia sido notificada pela campainha, o padeiro alega ser ninguém.

A expressão "*não é ninguém, é o padeiro*" é uma forma peculiar deste personagem, que reduz a relevância social de suas atividades profissionais. Apesar de considerar que deveria permanecer invisivelmente para não causar danos aos clientes, o padeiro era um trabalhador relevante na sociedade, que não era percebido, mas que, quando ausente, causava impactos significativos na rotina social.

Ao ser questionado pelo personagem narrador, "explicou que aprenderá aquilo de ouvido", o padeiro reafirma a sua invisibilidade profissional, muitas vezes, ouviu pessoas lhe abrirem as portas e dizerem que ele não era ninguém, durante o exercício da sua profissão e, por isso, a incorporou.

Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: "não é ninguém, não senhora, é o padeiro". Assim ficara sabendo que não era ninguém. (BRAGA, 2010, p. 19)

A invisibilidade do padeiro está presente no meio social, refletindo a diferença social entre as classes trabalhadoras e as classes elitistas no texto *O Padeiro*. Essa afirmação está presente no diálogo entre o padeiro e a empregada. Apesar de pertencerem à mesma classe e situação de trabalho, a empregada não valoriza a tralhado do padeiro e, ao mesmo tempo, a sua profissão. Quando ao ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: "Não é ninguém. A voz que vinha de dentro (Senhora) representa a sociedade industrializada, os grandes empresários, a classe dominante, que raramente reconhece o valor da classe trabalhadora, do ser humano que desenvolve atividades de menor relevância social.

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era

pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina - e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno. (BRAGA, 2010, p. 19)

O diálogo entre o padeiro e a empregada, no qual o padeiro reafirma a sua condição social e individual de ser ninguém no seu trabalho, provoca reações de conformismo do personagem, que sorriam e assobiavam. O narrador fica surpreso, pois, num primeiro momento, se refere ao padeiro como colega de profissão, embora seja menos relevante no contexto social.

A crônica apresenta o valor das profissões que, na sua maioria, desenvolvem trabalho noturno, cansativo, mas necessário. O jornalista desenvolve sua produção na confecção e edição das notícias durante a madrugada, de forma que, ao amanhecer, o jornal esteja pronto. Dessa forma, o jornaleiro, presente no dia a dia da sociedade, poderia ir de casa em casa, levando as notícias ainda fresquinhas, para que os leitores pudessem, assim, se inteirar dos acontecimentos antes de iniciarem as suas atividades profissionais.

Os padeiros que trabalhavam na produção passavam a noite fazendo pães, para que ao amanhecer o padeiro (entregador) entregasse o pão fresco e quentinho à mesa da sociedade, proporcionando momentos de prazer e ânimo, para que o corpo pudesse se alimentar para as suas atividades profissionais.

O padeiro e o jornaleiro, assim como outras profissões, têm as mesmas condições e horários de trabalho para atender às necessidades dos consumidores, que, na sua maioria, não os valorizam como profissionais fundamentais para o progresso social. A falta é sentida apenas quando não ocorrem essas ações diárias e interferem na rotina.

## **A IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL ESTÁ RELACIONADA À IDENTIDADE**

A identidade profissional é um processo de autopercepção que capta um senso coletivo no trabalho, que é influenciado pelas interações entre as pessoas e os outros, que surgem dos processos de socialização e retórica em um determinado contexto, contribuindo diretamente para a identidade individual, seja positiva ou negativa, de acordo com a interação do trabalhador no contexto social.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos os úteis

e entre todos alegre: "não é ninguém, é o padeiro!" E assobiava pelas escadas. (BRAGA, 2010, p. 19)

Para se reconhecer e valorizar a si mesmo e à sua profissão, é necessário que o indivíduo encontre formas de se relacionar com o ambiente ao seu redor e desenvolver o seu potencial profissional.

Segundo Marx (1983):

Quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valor ele cria, tanto menos valioso se torna; quanto mais aperfeiçoado o seu produto, tanto mais grosseiro e informe o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, tão mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tão mais frágil o trabalhador; quanto mais inteligência revela o trabalho, tanto mais o trabalhador decai em inteligência e se torna um escravo da natureza. (MARX, 1983, p. 92).

O trabalho, enquanto alienação, reproduz a ideologia dominante, mantém as condições sociais e não se modifica nem mesmo a si mesmo. A humanização é o resultado das relações sociais, desempenhando atividades transformadoras. Dessa forma, o trabalho é uma atividade necessária para a subsistência.

A identidade profissional em o padeiro é apresentada de duas maneiras: no personagem do jornalista, que se sentia relevante, apesar de desempenhar funções inferiores no jornal, sem grande repercussão e apenas em crônicas e artigos relacionados ao seu nome, mas demonstrava interesse e valorização profissional em sua carreira.

A identidade do escritor estimula o crescimento pessoal, uma vez que, nessa profissão, o conhecimento deveria ser formal, acadêmico e a experiência social faria a diferença. O padeiro demonstrava apenas satisfação por ter um emprego, o que era demonstrado pela sua atitude de sorrir, assobiar e entregar os pães, ao contrário do jornalista, que valorizava o seu trabalho. Segundo Hall (2006):

a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p. 11)

A identidade é uma construção que surge na interação entre o ser humano e a sociedade. Ela não é uma dada, mas sim um produto de procedimentos discursivos. O trabalho é crucial para a sociedade e para a interação entre indivíduos, mesmo quando não somos "ninguém", ou quando apenas acreditamos em nós mesmos e sorrimos enquanto não compreendemos nossa relevância para a nação.

O valor social do trabalho não se limita à sociedade, mas também aos relacionamentos interpessoais e profissionais. Se não somos ninguém ou se apenas cumprimos nossas obrigações para sobreviver, sorrindo, assobiando e nos tornando invisíveis, enquanto estamos inseridos em uma sociedade com pouca consciência crítica do que realmente representamos para a sociedade, só seremos notados de imediato quando não estivermos no exercício da profissão, substituídos imediatamente, a vida continua para aqueles que usufruem desse serviço. Assim, seremos apenas ninguém no presente e esquecidos no futuro. A crônica termina com o narrador refletindo sobre a humildade do padeiro, um homem alegre que trabalhava diariamente, mas ainda se sentia invisível socialmente. Segundo Cândido (2004):

Neste processo de desfazer a realidade o mundo se vai desfigurando e o objeto referido pela palavra parece passar dele para “dentro” do discurso. Aparentemente, não é mais o mundo, é outra coisa, que parece não existir fora dos limites do texto. (CÂNDIDO, 2004, p. 30)

A crônica nos instiga a examinar um evento, envolvendo-nos no discurso para analisar as informações e, dessa forma, perceber a crítica presente no texto. Apesar de ser invisível socialmente, o padeiro não desempenha sua função tristemente e incomoda outros membros da sociedade. “Logo: não é ninguém, é o padeiro! E assobiava pelas escadas”. (BRAGA, 2010)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tantas inovações industriais e tecnológicas, é crucial estar atento ao processo de mecanização do ser humano. A literatura tem um papel crucial no que diz respeito à humanização. A crônica *O Padeiro* demonstra claramente essa mecanização que causa a alienação do ser humano. Enquanto o mundo capitalista valoriza a "utilidade", a literatura tem como objetivo humanizar, sendo um instrumento crítico que leva à reflexão através dos textos literários, permitindo que os leitores compreendam o conflito identitário que os cerca.

Rubem Alves, cronista renomado, com ênfase na crítica sociopolítica, na crônica *O Padeiro*, apresenta uma perspectiva social sobre os trabalhos invisíveis, que têm um impacto direto na funcionalidade social, mas não é reconhecido pelo seu trabalho. O valor social do trabalho não se limita à sociedade, mas também ao relacionamento interpessoal, seja quando não somos "ninguém", seja quando apenas acreditamos que somos alguém e sorrimos enquanto estamos inseridos num universo de pouca consciência crítica do que realmente representamos para a sociedade.

Sendo assim, o autor critica a negação do valor do trabalho na identidade do eu, oculta na identidade profissional o não reconhecimento

social das profissões consideradas inferiores e menos valorizadas no mercado de trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

CÂNDIDO, Antônio. **Recortes**, 5ª Ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2004

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da Língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/padeiro/>. Acesso em: 03/06/2024.

MARX, Karl (1983). **Primeiro Manuscrito: Trabalho Alienado**. In: E. Fromm. *Concepção marxista do homem* (pp. 89-102), Rio de Janeiro: Zahar. 8 ed.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. Editora Cultrix. São Paulo. 1967.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.

PORTELLA, Eduardo. **Dimensões I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958

RUBEM, Braga. **Ai de ti, Copacabana**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1992.